

O sinal está vermelho

O Rolls Royce dourado deslizava pelo asfalto levando os sete ricos para a conferência de cúpula. No volante, o americano Reagan — é sempre ele quem dirige — ao lado, seus amigos de língua inglesa, a inglesa Thatcher no meio e o canadense Trudeau na janela. Atrás, um tanto apertados, o alemão Kohl, o francês Mitterrand, o italiano Craxi e o japonês Nakasone. A conversa seguia animada, todos descontraídos, sorrindo muito, quando o alemão vislumbrou, a uns 50 metros, um bando de maltrapilhos, à volta de um sinal de trânsito.

— Estou reconhecendo-os — Grunhiu Reagan apertando os olhos — são aqueles latino-americanos...

Eram os sete pobres: o argentino Alfonsín, o brasileiro Figueiredo, o colombiano Betancur, o equatoriano, Hurtado, o mexicano Miguel, o venezuelano Lusinchí e o peruano Belaunde. Estavam por ali tratando de ganhar a vida. Thatcher, rápido, perguntou se Reagan não podia desviar por outro caminho. Ainda estava assustada com a atitude do boliviano Zuazo que, comportando-se como um pivate mal-educado, pegou uma grana com todo mundo e depois disse que não sabia quando iria pagar. Não foi possível mudar a rota: o Rolls Royce aproximava-se do sinal.

— Fechem os vidros — sugeriu Reagan.

O carro parou e foi imediatamente cercado pelos sete pobres. Era visível o mal-estar dos sete ricos. Sempre passa uma certa tensão a presença de muito pobre em sinal de trânsito. De repente eles podiam iniciar um quebra-quebra. Figueiredo encostou-se junto à porta de Reagan.

— Compre um limãozinho... compra — e mostrava a penca ao americano — compra... pra me ajudar.

Reagan, que já não escuta muito bem, fingia-se de completamente surdo enquanto, tentando parecer simpático, abria aquele seu sorriso de canastrão. Cada um dos pobres se virava à sua maneira. O venezuelano Lusinchí passava uma flanela nos vidros do Rolls Royce. O equatoriano Hurtado tentava vender uma tranca ao alemão Kohl, que apalpava os bolsos, fingindo boa vontade, e fazia sinal de que estava sem dinheiro. O argentino Alfonsín, chegou-se à janela de Trudeau, com sua lata de amendoim e, muito falastrão, foi dizendo:

— Bom dia amigos. Podem ficar tranquilos... não se trata de um assalto.

A inglesa Thatcher estava impaciente. Ela já evitava a janela para não ficar de cara com o argentino. Agora nem se dignava olhar para os pobres: fingia procurar uma estação no rádio do carro. O italiano Craxi também disfarçava, e fingindo amarrar o cadarço do sapato. O pobre Miguel, do México, foi à janela de Nakasone, que se escondia atrás daquele sorriso amarelo de quem não está entendendo nada. O mexicano exibiu uma expressão de sofrimento:

— Será que o senhor pode colaborar com os envidados da penitência? Qualquer quantia serve.

Ninguém ali dentro do carro queria nada. O alemão não queria transas, o canadense não queria amendoim, o japonês não queria santinhos, o francês, não queria biscoitos. Só a inglesa queria alguma coisa: sair dali depressinha.

— Que diabo de sinal que não abre, pode invadir, Reagan.

Quando o americano repetiu pela quinta vez que não estava precisando de limão, o pobre brasileiro encostou a testa na moldura da janela e fez uma cara de desamparo.

— Então me dá um trocado...

— Mais? — reagiu o americano — você já levou um trocado ontem... anteontem, que é que você faz com todo esse dinheiro?

O alemão adiantou-se no banco traseiro, meteu a cabeça por cima do ombro de Reagan e entrou na conversa:

— Você está gastando muito. Precisa aprender a economizar.

O japonês Nakasone bateu no ombro de Reagan:

— Dá um trocado pra ele — sugeriu — ele esteve batendo lá em casa outro dia... tá numa situação difícil.

Aí começou uma discussão dentro do carro enquanto os sete pobres permaneciam do lado de fora, com um olhar comprido. O americano não gostou da sugestão do japonês.

— Mais do que eu já dei? Dá você.

— Eu também já dei muito — respondeu Nakasone.

— Não se pode ficar dando dinheiro pra eles — disse o alemão — Assim eles não trabalham...

— Estamos acostumados mal esse pessoal — acrescentou o canadense.

— Mal acostumados e mal agradecidos — disse a inglesa — vocês se lembram o que o boliviano fez com a gente, não?

— Dá um trocado... insistiu Figueiredo.

O americano olhou para seus pares, desceu um dedo da janela, espichou o pescoço e falou pela fresta:

— Escuta, nego, nós estamos durinhos. Por que você não procura um Banco?

Os sete pobres se entreolharam. O peruano perguntou o que eles diriam em casa?

— Que tempos melhores virão — respondeu o mexicano — que algum dia seremos iguais aos sete ricos.

O sinal abriu. Reagan afobou-se ao dar a partida e o carro morreu. Não houve jeito de pegar. Quando o canadense e o alemão já se preparavam para descer, o brasileiro, se afastava em velocidade. Os sete pobres, rápidos, pegaram seus carrinhos feitos de caixotes e rolimã e saíram atrás. Até a hora em que fechamos esta edição ainda não tinham alcançado o Rolls Royce.